

HERMENÊUTICA E INTERPRETAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA.

Prof. Dra. Neli Klix Freitas -UDESC¹

Resumo

A proposta desse artigo é a de apresentar considerações teóricas sobre questões de pesquisa qualitativa, especialmente sobre a interpretação. Apresenta-se uma concepção complexa de ser humano, baseada na hermenêutica. Discute-se a importância do significado na construção da subjetividade e da aplicação da hermenêutica na interpretação em pesquisa qualitativa.

Palavras-Chave: Pesquisa Qualitativa- hermenêutica – interpretação

Abstract

The aim of the article is to present theoretical considerations of qualitative research, specially of interpretation. It is suggested a conception of person in Heidegger and Gadamer hermeneutic approach. Then, discusses the importance of the meaning construction and the hermeneutic method applied in qualitative research.

Key-Words: Qualitative Research – Hermeneutic – Interpretation

INTRODUÇÃO

A metodologia qualitativa vem sendo amplamente empregada em pesquisa em distintas áreas do conhecimento, alicerçada em diferentes motivos:

- interesse do pesquisador no estudo aprofundado de um ou mais fenômenos
- investigações centradas na compreensão do sentido e do significado intrínsecos às experiências humanas
- ênfase nas especificidades de certos fenômenos, como suas origens e sua razão de ser
- interesse do pesquisador nos dados subjacentes que não são facilmente articulados ou compreendidos quando se emprega metodologia quantitativa (Bogdan & Biklen, 1994).

A pesquisa qualitativa trabalha com os fenômenos, ancorada na filosofia que lhe dá sustentação. A idéia de fenômeno encontra suporte nas visões idealistas, neo-idealistas, existencial e fenomenológica sobre a realidade e sobre o conhecimento. Fenômeno vem do grego *faínomenon* e deriva-se do verbo *faínestai*, que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Na pesquisa, a idéia assume o sentido de algo que se mostra em um local situado; trata-se do *lócus* de um objeto contextualizado em torno de diferentes eventos (Martins; Bicudo, 1989).

Há uma variedade crescente de métodos de pesquisa qualitativa disponíveis. Cada método baseia-se em uma compreensão específica de seu objeto de estudo. Há também, diferentes posturas, tais como a fenomenologia, a etnometodologia, o interacionismo simbólico, a dialética, dentre outras. Cada uma dessas posturas compreende de modo distinto a forma como as experiências, ações e interações dos participantes da pesquisa relacionam-se com o contexto no qual são estudados.

Há aspectos comuns entre as diferentes perspectivas da pesquisa qualitativa, tais como:

- o *verstehen* como princípio epistemológico. Busca-se a compreensão da opinião de um ou mais sujeitos no curso de situações sociais: conversa, discurso, relações de trabalho, bem como das regras culturais ou sociais para uma situação;

¹ Dra. Em Psicologia. Docente da Universidade do Estado de Santa Catarina
Coordenadora da pesquisa sobre Significados na Trajetória de Professores de Artes Visuais.

-a construção da realidade como base, que inclui sujeitos com suas opiniões sobre um fenômeno. Os fenômenos são produzidos interativamente. A realidade que a pesquisa qualitativa estuda não é determinada e, sim, construída por diferentes atores;

-o texto como material empírico. No processo de reconstrução dos dados e informações são produzidos textos com análises empíricas reais, que incluem diferentes opiniões dos participantes. Nos textos ocorre um processo de reconstrução de estruturas latentes de significado. Os textos constituem então, a base da reconstrução e da interpretação.

A interpretação dos dados na pesquisa é altamente instigante e, em nossa prática de pesquisa, geradora de questionamentos. Muitas questões merecem análise minuciosa na atividade de pesquisa: o espaço, o tempo, a escolha do foco, o instrumento, a polaridade possibilidade/impossibilidade de generalização e, particularmente a interpretação.

Na realidade, a irrefutabilidade da interpretação baseada em princípios e fundamentos consistentes pode ser reconhecida pelo pesquisador que tiver experiência na condução do método. A interpretação relaciona-se com as teorias com as quais o pesquisador está envolvido, a formação pessoal, a postura ética, a análise criteriosa dos dados, bem como aspectos sócio-culturais. Inclui uma polissemia de significados (Freitas, 2005).

A interpretação dos dados habilita o pesquisador a utilizar adequadamente todas as informações fornecidas pelos participantes. É necessário considerar que há caminhos diferentes a observar, quando se fala em pesquisa qualitativa.

A partir de questionamentos sobre a interpretação em pesquisa qualitativa, nesse artigo o foco recai sobre a hermenêutica nesse processo. A hermenêutica possui um espaço considerável em pesquisa qualitativa, especialmente porque enfatiza questões relacionadas com os significados, fundamentais para o aprofundamento de reflexões e estudos sobre a interpretação no contexto da abordagem de metodologia qualitativa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Observa-se, em nossos tempos, uma realidade paradigmática plural, que reúne posicionamentos distintos em torno de linhas de força, privilegiando ações dotadas de sentido, em uma postura ética solidária. A ética equitativa coloca pesquisador e participantes em relações de poder que são móveis e reversíveis (Dosse, 2003).

A pesquisa qualitativa encontra seu espaço entre o investigar, o explicar e o compreender, construindo alternativas que emergem da intersubjetividade, coloridas por valores. A interpretação dos dados inclui aspectos de autonomia e de troca, nos quais os significados são compartilhados, e é exatamente esse o eixo em torno do qual reside sua complexidade. Os dados devidamente analisados e interpretados são manifestos através da linguagem, pelos conceitos e práticas que nos reportam necessariamente aos valores. Trata-se de ações de reciprocidade permeadas pelo diálogo, pela negociação de significados e, como tal, não podem prescindir da ética (Freitas, 2005).

Nas ciências empírico-formais, cujo paradigma é a física-matemática, o critério de cientificidade é o teste de realidade na verificação empírica. Nas ciências humanas, o critério da cientificidade é a crítica; o conceito operacional e organizador é o símbolo. A compreensão do símbolo estrutura-se dialética e dinamicamente. Então, a interpretação torna-se indispensável sempre que existir mais do que um sentido, ou que as pessoas possam entender as coisas de modo distinto. Isso quer dizer que, em ciências humanas, a polissemia de significados exige a interpretação, a começar pelos termos das definições (Guba, 1998).

A hermenêutica aplicada à pesquisa qualitativa permite ao pesquisador a compreensão do processo de interpretação, onde o si-mesmo abre-se à interpretação do outro. No interjogo indivíduo e sociedade novos significados são manifestos. A hermenêutica inclui um processo de desconstrução dos dados; não apresenta críticas ao passado, mas ao presente e a sua abordagem distorcida. Subverte as explicações tradicionais e conceitos dogmáticos inquestionáveis. Os fatos não passam por uma destruição, ou anulação, mas pela revelação de possibilidades ainda não percebidas. A desconstrução hermenêutica não se refere a uma desconstrução radical de destituição dos sentidos e significados, mas sim a uma desconstrução que, ao reinterpretar busca a reelaboração histórica dos sentidos e significados da compreensão humana. O si-mesmo se

compreende e abre-se à compreensão do outro. Trata-se de uma concepção de pessoa que é simultaneamente produtora e produzida de si (Duarte e Barros, 2005).

Ao longo do eixo Heidegger e Gadamer, a interpretação efetua uma compreensão antropológica, uma tradução do modo peculiar de cada ser humano captar o real, o conhecimento do ser. Entendido como ser-no-mundo, o homem encontra-se lançado no horizonte de um projeto, onde a percepção ocorre pelos sentidos. A intencionalidade do círculo hermenêutico vincula-se a uma compreensão mais ampla, mais profunda, que se efetiva na interpretação e se expressa pela linguagem. A compreensão é histórica; a linguagem é ontológica. Não é o pesquisador que se dirige às coisas; essas vem ao seu encontro. A compreensão que se efetiva na interpretação não se funda sobre a consciência, ou sobre categorias psicológicas, e sim pela realidade que sai ao encontro do pesquisador. A compreensão que se efetiva na interpretação não se funda sobre a consciência, nem sobre categorias ontológicas, ou existenciais, cabendo à compreensão captar e desvelar o ser das coisas, o ser nos dados da pesquisa (Heidegger, 1982).

Hans Georg Gadamer, discípulo de Heidegger é considerado o fundador da Hermenêutica Filosófica. Gadamer retoma o conceito de círculo hermenêutico de Heidegger, segundo o qual compreende-se o que se sabe. Entretanto, o processo de busca de sentido permite a reformulação, cria e recria o novo pelo intérprete dialogando com o texto. Nesse processo hermenêutico, a compreensão surge do diálogo entre o intérprete e o texto, estimulando a emergência de um campo continuamente aberto. Gadamer propõe um processo de interação simultânea e de auto-compreensão do pesquisador, em interação. Remete à emergência de novos significados e de novas compreensões, enquanto o processo de análise e de interpretação desenvolvem-se na pesquisa qualitativa.

Ao afirmar no aforismo 22 de “Além do bem e do mal” que não há fatos, somente interpretação, Nietzsche estabelece as bases da teoria geral da interpretação, a hermenêutica. A partir daí, o pensamento fundamental da filosofia ocidental, que perdurou de Platão a Hegel cede espaço a um desconstrucionismo e a um desfundamentalismo, a uma reviravolta lingüística, que reporta à filosofia da linguagem. A hermenêutica propõe uma avaliação das coisas mediante a interpretação, manifesta pela linguagem (Duarte; Barros, 2005).

De acordo com a fenomenologia hermenêutica de Heidegger e Gadamer, o que prevalece não é o eu, nem a consciência transcendental da fenomenologia idealista de Husserl, mas a existência humana. A existência humana, o *Dasein* projeta-se como ser-no-mundo, instaurando os sentidos de um mundo que, inversamente tem em si também o homem. O homem é no mundo, e o mundo só é com o homem, correspondendo à mundaneidade (*weltlichkeit*), aos aspectos do *dasein*, como as do próprio mundo (Heidegger, 1995).

Para Heidegger (1982) o sentido vem do mundo por meio da intencionalidade da compreensão do ser humano, do mesmo modo como a compreensão vem do binômio homem-mundo, perfazendo conjuntamente o sentido e a compreensão, a base da linguagem e da interpretação. A interpretação com base na hermenêutica faz-se no mundo vivido, na atitude de quem pensa as próprias vivências.

Sendo a interpretação (*auslegung*) a efetivação da compreensão (*verstehen*), torna-se fator fundamental na dimensão comunicacional, pois é da inserção das compreensões que ocorre a fusão de horizontes (Gadamer, 1998).

Isso significa a intercalação do horizonte de compreensão do outro com o horizonte do pesquisador, e vice-versa, ou seja: a possibilidade de uma sociedade enquanto comunidade de sentido, onde se processa uma comunicação dialógica. Pode-se considerar a razão hermenêutica como intermediadora e intersubjetiva da interpretação de sentido, do sentido humano, que possibilita pela linguagem uma compreensão dialógica do ser-no-mundo. O projeto, a compreensão, o sentido são todos eles existenciais, pois que se dão no mundo (*welt*); a junção dos homens com os sentidos (Heidegger, 1995).

O hermeneuta trabalha no mundo (*lebens-welt*), pensando as situações vividas. Ou, dito de outro modo, a teoria do texto como tecido escrito prolonga-se em uma filosofia da história como texto vivido, tecido em conjunto na trama existencial dos acontecimentos. O hermeneuta envolve-se com o sentido, a tal ponto que sua ética passa a ser caracterizada pela autenticidade em viver o que entendeu. É vivendo que o hermeneuta comenta o sentido do texto, o sentido dos dados de

uma pesquisa. Sua leitura viva completa o sentido dos dados dos participantes, e vice-versa. A hermenêutica enxertou-se na filosofia existencial e, na verdade representa uma tentativa de interpretar o sentido da história como sendo o sentido de um texto em que se é ao mesmo tempo, autor e leitor (Heidegger, 1995).

A hermenêutica projeta num processo metateórico e metalingüístico uma unidade inter-relacional e analógica, uma interpretação simbólica da unidade erigida pelo homem como ser-no-mundo. O logos humano insere a interpretação simbólica da realidade, e a linguagem hermenêutica é eminentemente simbólica. No campo hermenêutico, a linguagem representa a racionalidade de homem e de mundo, onde as idéias são relacionadas de forma verbalizada (Palmer, 1969).

A interpretação hermenêutica procura uma razão que permita articular e reelaborar os sentidos e os significados da compreensão humana, instituindo a efetiva e construtiva experiência de uma ação realmente comunicativa (Vittino, 1996).

Nessa direção, importa considerar que o ser humano integra-se com o mundo e consigo mesmo pela linguagem, porque a linguagem é o modo universal de ser e de conhecer (Gadamer, 1998). O espírito hermenêutico é válido para quem tenta compreender o fenômeno, inserindo a premissa de que mais importante do que compreender é o que acontece ao pesquisador como sujeito enquanto compreende (Gadamer, 1976).

O que importa não é o eu, ou a consciência transcendental, mas a existência humana, tal como ela aparece, e do ser, tal como ele compreende o homem e este se compreende, visto que a existência humana, o ser-aí, o *dasein* toma o lugar do eu absoluto. A desconstrução hermenêutica (destruktion) não é devastação, mas o que procura abarcar o sentido do ser, as estruturas amontoadas umas por cima das outras, que tornam irreconhecível o sentido do ser.

A interpretação com base na hermenêutica procura uma razão que possa reelaborar historicamente os sentidos, bem como uma metacomunicação que venha a consignar a ação comunicativa como uma atitude dialógica que se conecte, por sua vez, a uma racionalidade prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma sólida fundamentação teórica é fundamental ao pesquisador que se lança na aventura da pesquisa qualitativa. Ao mesmo tempo, é indispensável a noção de que o desenvolvimento humano, o conhecimento não podem prescindir da realidade e da vida em sociedade. Trata-se de considerações relevantes no processo de busca de significados na pesquisa qualitativa, que reportam aos valores e à ética.

Quando se refere a formação teórica, ou a perspectiva teórica fala-se de um modo de entendimento do mundo, das asserções que as pessoas têm sobre o que é importante e sobre o que faz o mundo funcionar. Bons investigadores são conscientes da necessidade de observação e de seus fundamentos teóricos, servindo-se deles para planejar a pesquisa, buscar e analisar os dados. A teoria dá coerência aos dados e permite ao pesquisador avançar além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos.

A ética na pesquisa consiste no respeito às normas relativas aos procedimentos considerados corretos e incorretos por um grupo e por diferentes práticas dentre as quais inclui-se a pesquisa (Bogdan & Biklen, 1994).

Na realidade não há uma verdade única, não há pontos privilegiados do olhar no que se refere à interpretação dos dados da pesquisa qualitativa. A pesquisa requer uma postura investigativa, sem esquecer que o ser humano é um projeto que, segundo a hermenêutica se projeta a si mesmo sobre suas possibilidades, submetidas ao grau de decisão do *dasein*. O sentido (*sinn*) é a compreensão que surge de uma projeção e possibilita compreender os entes particulares. Para Heidegger (1995), *Sinn* significa a perspectiva da compreensão do ser pelo projeto primordial. Pode-se referir que uma das premissas da pesquisa qualitativa refere-se à abordagem da questão, ou das questões a serem pesquisadas, incluindo diferentes tentativas para encontrar significados em interação, no momento em que a pesquisa se desenvolve. Trata-se de dirigir o olhar para o vivido tal como ele se apresenta, considerando que existe sempre mais do que um sentido para todas as questões, ou situações. A pesquisa qualitativa possui características que permitem

atender às demandas pela busca de diferentes significados para os dados, considerando que o sujeito do conhecimento constitui também o objeto do conhecimento, sendo constituído por ele. Seguindo-se a tradição hermenêutica, a interpretação representa um *continuum* entre sedimentação, inovação e espaços de autonomia. Quando a tradição fenomenológica e hermenêutica são retomadas, o fato social passa a ser percebido como fato semântico. As idéias e os textos são filtrados por valores compartilhados.

Na tradição hermenêutica, a interpretação desenvolve-se desde os encontros com os participantes da pesquisa, movimenta-se entre a descrição e a interpretação, e traz o que foi vivenciado através da linguagem (Gadamer, 1998).

Trata-se de uma metacomunicação que nos leva a considerar que a desconstrução hermenêutica, em lugar de se situar nihilisticamente na anulação ou na abolição de todo e qualquer sentido e significado reelabora, no círculo hermenêutico, a possibilidade de ser da própria compreensão humana, do homem como ser-no-mundo. A inserção da linguagem como lugar de origem do discurso filosófico evidencia a conexão entre a comunicação e a hermenêutica, entre o texto da pesquisa e o objeto de estudo da pesquisa.

A experiência reflexiva do logos e da linguagem dialógica, como a interpretação e a reinterpretção implica em uma ruptura que, ao romper desconstrói. Trata-se de uma desconstrução que assimila e estabelece perspectivas precedentes fazendo com que o diálogo, então hermenêutico venha reconstruir, reinventar, reapropriar-se dos sentidos e significados da compreensão da existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGDAN,R; BIKLEN,S. *Investigação Qualitativa em Educação*.Portugal:porto Ed.,1994.
- DOSSE,F. *O Império dos Sentidos.A Humanização das Ciências Humanas*. São Paulo:EDUSP,2003.
- DUARTE,J;BARROS,A.(org.) *Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo:Atlas,2005.
- FREITAS,N.K. Pesquisa Qualitativa:Questões de Interpretação dos Dados e Formação do Pesquisador. *Revista Psicologia Argumento*. PUCPR,n.37,2005,p.57/64.
- GADAMER,H.G. *Philosophical Hermeneutics*.Los Angeles: University of Califórnia Press, 1976.
- GADAMER,H.G. *Verdade e Método*. Rio de Janeiro:Vozes, 1998.
- GUBA,E.G. *The Paradigm Dialog*. Newburg Park:sage, 1998.
- HEIDEGGER,M. *The Basic Problems of Phenomenology*. Bloomington:Indiana University Press, 1982.
- HEIDEGGER,M. *Ontology: Hermeneutics of Facticity*.Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- MARTINS,J.;BICUDO,M.A. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos Básicos*. São Paulo:Moraes, 1989.
- PALMER,R. *Hermeneutic*. Evanston:Northwestern University Press, 1969.
- VITTINO, G. *O Fim da Modernidade:Nihilismo e Hermenêutica*. São Paulo:Martins Fontes, 1996.